

A MISSÃO DO POVO DE DEUS

José Carlos CRUQUI*

RESUMO: O presente artigo propõe uma síntese do que vem a ser a missão do povo de Deus, afim de que provoque uma reflexão e a ampliação sobre o tema, sendo este um assunto de extensa abrangência seria pretensão exagerada querer esgotar o presente assunto nesse momento, o que apresentamos a seguir são reflexões sobre a Práxis da Igreja de Cristo na terra, o que escrevemos possuí sim a pretensão de despertar uma análise pessoal sobre nossas práticas cristãs, e nossas responsabilidades enquanto filhos de Deus. Refletimos sobre a Missão da Igreja no mundo como representante do Divino e corpo de Cristo, portanto uma representação do governo de Deus sobre a criação. É papel da humanidade esse domínio como uma das ordenanças atribuídas ao homem.

PALAVRAS-CHAVE: Missão, Igreja, Evangelho, Missão integral, Graça.

* Graduado em teologia pela Faculdade Evangélica do Paraná, FEPAR. Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUCPR. E-mail jcruqui@gmail.com

INTRODUÇÃO

A ideia inicial em abordar este assunto, surgiu da preocupação com o rumo que a igreja de Cristo está tomando, tendo a impressão de que a preocupação dos líderes de igreja está em construir e construir, e pouco se faz em termos de evangelho. Percebemos também que as igrejas estão se tornando em megashoppings da fé, ainda que sejam espaços públicos parecem estar cada dia mais privatizando a fé. Também fomos inspirados por pensamentos encontrados no clássico romance do pensamento do evangelho social: *Em Seus Passos Que Faria Jesus*.

Parece-me que muita desgraça deste mundo de algum modo acabaria se todas as pessoas que cantam esses hinos vivessem de acordo com eles. Bem, não entendo dessas coisas. Mas, o que faria Jesus? É isso que vocês entendem por seguir os passos de Jesus? Observo, às vezes, que as pessoas que vão às grandes igrejas têm roupas bonitas, belas casas e dinheiro para gastar com luxo, férias de verão e muitas outras coisas, enquanto os que estão fora das igrejas, milhares deles, morrem em cubículos sórdidos e andam pelas ruas à procura de trabalho, e nunca têm um piano ou um quadro na parede, vivendo na miséria, na embriaguez e no pecado." (SHELDON, 1998, p.11)

Então no presente artigo iremos nos preocupar com a questão da missão da igreja, vamos abordar qual seria a missão da igreja hoje, dentro desse novo anseio teológico e social, buscaremos trilhar por caminhos já trilhados sem a pretensão de desbravar novos caminhos, pois acreditamos que o tema torna-se ainda hoje relevante e não se esgotou, é um tema recorrente hoje mesmo que já tenha sido alvo de preocupação de diversos movimentos.

Dentre os movimentos que surgiram com a preocupação teológica do envolvimento da igreja em causas sociais, ressaltam-se os movimentos de Lausane, ISAL (Igreja e Sociedade na América Latina), Teologia da libertação e Evangelho social, esses movimentos mostravam a importância da prática social da Igreja, e da necessidade do envolvimento social da Igreja de Cristo.

Sabendo que esses movimentos eram respostas a um novo fazer teológico, provocado por revoluções. Conforme Clovis Pinto de Castro (2000, p.107,108) nossa experiência de fé atualmente é marcada pelo mundo dos “pós”; pós-modernidade, pós-marxismo, pós-socialismo, pós-industrialismo, pósconfessional, é um mundo de desconfianças, e pouca crença no futuro, seria um mundo fragmentado e sem tradições, e marcado pelo

subjetivismo, é um tempo propício para se viver de forma hedonista e niilista, é portanto uma época de grande desafio a fé, e não apenas fé como um sistema de crença, mas uma práxis.

1. O POVO DE DEUS E A SUA MISSÃO

Afinal de contas quem é o povo de Deus? E qual é a sua missão? De que povo estamos falando? Em seu livro a missão do povo de Deus, Chistopher J. H. Wrigth nos diz que temos que pensar de forma abrangente sobre quem é o povo de Deus, menciona que o povo de Deus na Bíblia deve ser considerado de forma a abranger a Bíblia toda, e não apenas o novo testamento porque às vezes pensamos em povo de Deus a partir do novo testamento.

Quantos sermões você já ouviu num domingo missionário, num texto do Antigo Testamento? Se você é pastor, quantas vezes você mesmo já pregou um sermão missionário usando o Antigo Testamento? [...] Assim precisamos pensar cuidadosamente sobre o que a Bíblia inteira tem a dizer sobre quem é exatamente o povo de Deus e em que sentido ele é (e sempre tem sido) um povo com uma missão. (WRIGTH, 2012, p. 36).

Isto nos faz pensar que o povo de Deus vai muito além de um povo de uma única etnia ou região. Tomando a Bíblia como instrumento utilizado por Deus para revelar-se a seu povo, então usando esta lógica devemos considerar como povo de Deus o povo que vem dessa descrição.

Alguns tendem a pensar em povo de Deus de uma forma ecumênica, de forma abrangente, onde se inclui não apenas o Deus da Bíblia, porém outras formas de deuses, presentes em outras manifestações religiosas, porém essa forma ecumênica de pensar em missão do povo de Deus é uma forma recente. William Roger Le Roy, em sua obra: Qual o rumo da Igreja? Ele questiona sobre essa missão e rumo da Igreja? Parece refutar a ideia de uma missão ecumênica para a igreja, mas o que se firma em seu pensamento é que devemos pensar em missão da Igreja de uma forma que abranja a todos, tendo o diálogo como ponto de contato e equilíbrio para a execução da teologia ecumênica, sendo a humanidade um ponto comum entre todos.

A teologia ecumênica ensina que devemos partilhar “a nossa humanidade comum” e a sua “dignidade”. Devemos ainda expressar nossa preocupação por essa humanidade. No diálogo o cristão deve estar pronto

a ouvir e a mudar. É o caminho da abertura para os outros do encontro pessoal. No diálogo o Cristão e o não Cristão procuram encontrar o significado da vida com base em sua humanidade comum. (Le ROY, 1983, p. 51)

Le Roy, refuta essa ideia de missão segundo o pensamento ecumênico, e acusa a secularização como um novo conceito que surgia em seus dias como um dos responsáveis pela não aceitação dessa ideia ecumênica de missão.

Há hoje em dia um novo conceito missionário baseado na teologia da secularização. Está incluída no uso ecumênico do termo “missão”. Encoraja a pressuposição da “teologia da morte de Deus”; a própria humanidade pode resolver sua própria história, sem a intervenção transcendental de Deus e sem nenhuma referência direta a ele... Convocamos todas as Igrejas que creem na Bíblia e que se encontram espalhadas por todo o mundo a que repudiem a teologia secular ecumênica de missão conforme promovida pelo Concílio Mundial das Igrejas e suas agências e afins no mundo de hoje (Le ROY, 1983, p. 52, 54).

Esse pensamento de Le ROY, nos faz questionar se o mesmo não se precipitou em combater esse pensamento

ecumênico, refutando ainda que não intencionalmente a ideia de missão integral da Igreja.

Conforme Pedro Arana Quiroz, no livro organizado por René Padilha e Péricles Couto, o povo de Deus é um povo que serve, um povo chamado para servir, tanto o povo de Israel da antiga aliança e o novo Israel de Deus em Cristo, a relação de pacto com Deus encontram-se em ambos os testamentos, essa visão de uma comunidade de Servos é vista tanto no antigo testamento como no novo. E a figura de corpo de Cristo para a igreja é a representação da ligação da comunidade e a comunicação do corpo com o exterior é o papel da igreja, comunicar-se com o exterior.

O corpo é um meio de comunicação com o mundo exterior. Para revelar a vontade de Deus na terra, Cristo assumiu um corpo (Hb 10:5-9). Dizer que somos corpo de Cristo implica em dizer que a Igreja é o lugar em que se revela a vontade de Deus, onde se manifesta a vida de Cristo em palavras e ações, onde se evidencia a presença do Espírito e suas obras poderosas. A imagem de corpo de Cristo significa que a Igreja deve ser portadora da voz de Cristo, e de suas mãos que saram, de seus pés diligentes, também de seu caráter marcado pelo amor. Ele escolheu trabalhar por meio dela e lhe delegou a mensagem, o poder e o estilo de missão que recebeu do Pai (Jo 20:21; Lc 10:16;

Mt 18.18). (QUIROZ org. COUTO e PADILHA, 2009, p. 149).

Surge-nos uma questão: O caráter da missão da Igreja hoje? Pedro Arana Quiroz nos propõe pensar em missão da Igreja através de uma perspectiva trinitária, observando a Igreja como Povo de Deus, Corpo de Cristo e Comunidade do Espírito.

Como **povo de Deus**, lembramos que sendo a Igreja o povo de Deus, está aqui como representante do Divino, e assim como o povo do antigo testamento era um povo que testemunha de seu Deus, assim o deve ser a Igreja em seu contexto.

Quando observamos a igreja enquanto **corpo de Cristo** nos ressalta a função da interação do corpo com o meio, logo a Igreja enquanto corpo de Cristo deve dialogar com o seu “meio” e com o “tempo” ao qual está inserida.

Quando chegamos na ideia de Igreja como **Comunidade do Espírito**, preocupa-nos, pois sendo a comunidade guiada pelo Espírito de Deus, cheia dele, há em nós uma cobrança para esperar uma Igreja bem orientada em seu caminho, e sem desvios em sua

missão, a Igreja como comunidade do Espírito tem como função, segundo Pedro Arana Quiroz congregar a todos:

A igreja é a comunidade que tanto os estranhos como os estrangeiros são bem vindos, onde o poder é empregado para servir e não para ser servido, porque a vida no Espírito não significa dominação, nem acumulação, mas autoentrega por causa do bem comum [...] a igreja é assim um sinal do Reino de Deus. (QUIROZ org. COUTO e PADILHA, 2009, p. 151).

Le Roy em sua obra levanta questionamentos sobre a essência e a dimensão do evangelho que devemos pregar, e estas questões nos levam a refletir sobre a missão da Igreja, em sua conclusão notamos que a dimensão horizontal do evangelho é marcada pela experiência obtida numa dimensão vertical, então o relacionamento do Cristão com o meio em que se encontra é um reflexo do seu relacionamento com o Deus amoroso e bom das escrituras.

Qual é a essência do evangelho que devemos pregar? É vertical ou horizontal, teológica ou sociológica, kerygma ou diakonia? [...] ou será que o nosso dever é demonstrar um tipo especial de preocupação social chamada de diakonia (serviço) no novo testamento?

[...] Afirmamos que a dimensão horizontal do dever cristão não é igual, nem superior, á dimensão vertical. É uma consequência necessária de nossa experiência espiritual em Cristo através do relacionamento vertical (Le ROY, 1983, p. 50).

2. O QUE NÃO É MISSÃO DO POVO DE DEUS

Querendo lançar luz nessa discussão, para entender e pensar sobre o assunto, vamos refletir inicialmente naquilo que não é a missão, para que possamos enxergar de maneira mais clara aquilo que portanto ela pode ser, tendo esta dialética em mente observaremos que a missão do povo de Deus vai além das paredes e muros da Igreja, vai além de uma reunião missionária, e vai além de uma fala sobre o evangelho de Cristo.

a) A primeira missão que encontramos para a igreja é IR, mediante ao termo “até aos confins da terra” (Atos 1.8), entendemos que há lugares onde a igreja precisará realizar a atividade de IR, sob a orientação e virtude do Espírito Santo, e não somente esperar que venham a ela.

O evangelho não deve ser anunciado somente no contexto da Igreja é preciso que a Igreja vá de encontro aos necessitados não

apenas espirituais. Pois o evangelho é também buscar os que estão caídos a beira do caminho. A missão da Igreja não é anunciar o evangelho de uma forma parcial, ele deve ser integral, observando o homem em todos os seus aspectos, sociais e espirituais. Conforme observado por PADILHA (2009, p. 21,22), “a missão integral é o meio designado por Deus para cumprir na história, por meio da igreja e no poder do Espírito, seu propósito de amor e justiça revelado em Jesus Cristo.”

b) A missão da Igreja não é apenas fazer proselitismo, a preocupação última da Igreja não deve ser apenas crescimento em termos numéricos, essa onda de crescimento tem levado algumas igrejas a negociarem princípios e abandonarem a qualidade em prol da quantidade, vivemos o período das mega-igrejas. Esse desejo por crescimento exagerado é apontado por Ricardo Barbosa de Souza, no portal Cristianismo Hoje, como sendo um risco invisível, porém muito grande, sendo inclusive um risco de perder a identidade como povo de Deus, em uma esfera pública, tornando-se privado.

O outro perigo é a perda da consciência de ser povo de Deus, Corpo de Jesus Cristo. Algumas igrejas que crescem rapidamente atraem uma quantidade considerável de cristãos frustrados com suas igrejas

de origem, que ali chegam como a última alternativa institucional de sua jornada cristã. Envolvem-se com paixão, adquirindo uma forte identidade com aquele grupo em particular. O problema é que não são mais capazes de se verem como parte do povo de Deus em uma determinada região ou cidade, mas apenas como povo de Deus de uma igreja particular. É a negação do "povo de Deus" e a afirmação perigosa de uma elite religiosa superior. (SOUZA, 2013)

Um texto de Brian Maclaren, citado por Rene Padilha, também nos mostra de forma impactante, que a missão da igreja vai além do consumismo evangélico, que percebemos em nossos dias, onde as mega igrejas se tornaram em um clube de encontros ou apenas um local de consumo.

Para Cristo, seus "chamados" (que na realidade é o que significa "igreja") seriam também seus "enviados" [ou missionários]. Segundo esta visão da igreja, não recrutamos pessoas para que sejam clientes de nossos produtos ou consumidores de nossos programas religiosos; nós as recrutamos para que sejam colegas em nossa missão. A igreja não existe para satisfazer às demandas de crentes consumidores; ela existe para equipar e mobilizar homens e mulheres para a missão de Deus no mundo. (PADILHA, 2009, p.19)

c) Também não é missão da Igreja anunciar o evangelho com o interesse em lucrar, hoje o que notamos muitas vezes a mercantilização utilizando o evangelho com o interesse financeiro, e este nunca foi o propósito da Igreja de Cristo.

Algumas igrejas são praticantes desse mercantilismo, para isso usam a teologia da prosperidade, e segundo Ricardo Mariano (1999, p.147), “a teologia da prosperidade tem trazido o celeste porvir, pelo presente terrestre”, a disseminação dessa ideia de prosperidade no presente e não no porvir, coloca na terra o paraíso prometido, com isto a “missão” passa a ser buscar apenas para o agora e não um investimento em um tempo futuro e transcendente.

Temos presenciado as mais loucas e estranhas invenções e manobras mais absurdas em nome de Deus para se arrecadar cada vez mais. Chegando ao ponto de criarem novos percentuais para o Dízimo, atribuindo-lhes percentuais que extrapolam os 10% tradicionalmente aceitos.

Conforme Mariano, já houve casos em algumas igrejas que foram cobrados 30% de dízimos:

Não obstante pastores da Universal em Belo Horizonte terem inovado em matéria de dízimo é cobrado 30%, 10% pelo Pai, 10% pelo Filho e 10% pelo Espírito Santo, ele é fixo e dá muito pouca margem a manobras, restando aos intermediários de Deus na terra insistir, para o bem do crente e para a expansão do Evangelho, na importância da fidelidade e de seu pontual pagamento. Já no caso das ofertas, a coisa é bem diferente. Nesse terreno pode ser observada toda a inventividade dos pastores em criar formas e métodos para arrecadar ofertas em volumes crescentes. (MARIANO, 1999, p.37).

Creemos que a missão da Igreja vai além de recursos terrestres, está conectada com o porvir, ainda que se inicie aqui e agora, não se encerra no tempo presente, perpassa o agora e vai além, tendo reflexos na eternidade.

3. MAS QUAL SERIA ENTÃO A MISSÃO DA IGREJA?

Creemos que Deus não cria nada sem propósitos e tudo que faz é imensamente bom e com destino certo, temos então a certeza de que há um propósito divino em reunir pessoas, não podemos crer que tenham sido chamados a ser “Igreja”, sem um propósito

maior e mais sublime do que apenas um ajuntamento de pessoas que comungam de uma mesma fé.

Qual poderia ser então esse propósito? A reflexão que fizemos sobre o que não pode ser a missão da igreja nos direciona nessa busca pelo propósito e a razão de ser “IGREJA”.

Quando observamos os símbolos bíblicos utilizados para descrever a igreja, percebemos que esses símbolos já denotam uma união de forças, observemos: Edifício: (Ef 2.19-22); Casa: (Ef 2.19; Hb 3.6, I Pe 2.5); Lavoura: (1 Co 3.9); Rebanho: (Jo 10. 16); Família: (Ef 2.19); Corpo: (I Co 12. 12-27).

Rick Warren, em seu livro **uma vida com propósitos**, chama atenção para o uso do termo “uns aos outros” na Bíblia, isso denotando a comunhão existente entre os membros da igreja de Cristo:

As expressões “uns com os outros” e “entre si” são usadas mais de cinquenta vezes no Novo Testamento. Somos ordenados a *amar* uns aos outros, a *orar* uns pelos outros, a *incentivar* uns aos outros, a *admoestar* uns aos outros, a *saudar* uns aos outros, a *servir* uns aos outros, a *ensinar* uns aos outros, a *aceitar* uns aos outros, a *honrar* uns aos outros, a *carregar os fardos* uns dos outros, a *perdoar* uns aos outros, a *nos submeter* uns

aos outros, a *ser dedicados* uns aos outros, além de muitas outras obrigações mútuas. Isso é ser um membro, do ponto de vista bíblico! Essas são suas “responsabilidades familiares”, que Deus espera que você cumpra na comunidade local. (WARREN, 2002, p. 117).

Esta união de pessoas segundo o relato de Clovis Pinto de Castro, é uma possibilidade da criação do espaço de aparição, esse espaço de aparição é potencializado pela aproximação um do outro:

Por outro lado, a potencialidade da convivência, do viver próximo um dos outros, mesmo que seja um grupo de pessoas relativamente pequeno, mas bem organizado, pode gerar um dos meios mais ativos e eficazes de ação já concebidos. O isolamento, ao contrário, seria a abdicação ao poder e exercício da força. (CASTRO, 2000, p. 47)

Entendemos então que a esta união um do outro no ato de ser corpo de Cristo, fortalece a possibilidade de espaço público, onde a igreja deve atuar e agir como representante do divino e continuantes da missão de Cristo.

A missão do povo de Deus, é a missão do seu próprio Deus transferida a ela por Cristo, “Disse-lhes, então, Jesus segunda vez: Paz seja convosco; assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós.” (Jo 20.21).

O Pai enviou o filho, e o filho enviou os discípulos, mas em que caracteriza este envio? Vejamos nas próprias palavras de Jesus:

O Espírito do Senhor está sobre mim, porquanto me ungiu para anunciar boas novas aos pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos, e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos (Lc 4.18).

Podemos extrair a missão do povo de Deus, advinda do propósito da união de pessoas e do envio provindo de Deus, chegando à conclusão de que não podemos definir em apenas uma opção a missão, sendo que a mesma se apresenta de forma ampla e abrangente, enxergamos como missão do povo de Deus, a proclamação do evangelho de uma forma integral, a proclamação da Graça salvadora; a proclamação do evangelho de uma forma desinteressada.

3.1 - Proclamar o Evangelho de forma INTEGRAL

A preocupação com a proclamação de um evangelho completo que alcance ao homem todo, foi acentuada pelo Pacto de Lausanne em 1974, mas esta ideia já havia sido movimentada e debatida em outros encontros religiosos em anos anteriores, principalmente na América Latina.

O que a missão integral veio trazer como contribuição para a igreja, foi chamar a atenção para a PRÁTICA do evangelho, e não apenas um fazer um teórico da fé cristã. A missão integral despertou um pensamento de que a missão da Igreja deve ir além do ensinamento e da preocupação com o espiritual, mas a ela deve olhar além disso, deve olhar e cuidar do ser em todos os seus aspectos, desde os espirituais, físicos e sociais. Conforme afirmado no 5º parágrafo do Pacto de Lausanne: “Afirmamos que a evangelização e o envolvimento sócio-político são ambos parte do nosso dever cristão”.

Essa responsabilidade da igreja em questão social e de opressão, é ressaltada também neste quinto parágrafo de Lausanne.

A mensagem da salvação implica também uma mensagem de juízo sobre toda forma de alienação, de opressão e de discriminação, e não devemos ter medo de denunciar o mal e a injustiça onde quer que existam. Quando as pessoas recebem Cristo, nascem de novo em seu reino e devem procurar não só evidenciar mas também divulgar a retidão do reino em meio a um mundo injusto. A salvação que alegamos possuir deve estar nos transformando na totalidade de nossas responsabilidades pessoais e sociais. A fé sem obras é morta. (Pacto de Lausanne, Suíça, 1974)

Segundo Rene Padilha um dos expoentes dessa teologia da missão integral, a missão da Igreja vai além de se fazer missão transcultural:

A igreja que não se compromete com a missão de testificar acerca de Jesus Cristo, para assim cruzar a fronteira entre o que é fé e o que não é, deixa de ser Igreja. (PADILHA, 2009, p.18).

A igreja deve ser altruísta e olhar para fora das suas portas, e não pode se preocupar apenas com a espiritualidade dos indivíduos, deve ter uma visão ampla e preocupar-se com todos os âmbitos da vida humana. Conforme encontramos nos relatos de Padilha.

“A missão se concretiza onde a igreja, com todo seu compromisso integral com o mundo e com o alcance total de sua mensagem, dá seu testemunho em palavra e ação, na forma de serva, com respeito à incredulidade e à exploração, à discriminação e à violência, mas também com respeito à salvação, à saúde, à libertação, à reconciliação e à retidão”. (PADILHA, 2009. p. 53)

Essa preocupação da igreja com o social, não seria uma proposta nova a partir do Pacto de Lausanne, isso já fora observado antes Pacto de Lausanne, desde as palavras de Jesus, em Lucas 4.18, quando o Cristo declara ter sido enviado não somente pregar, mas também libertar cativos, curar e libertar da opressão.

Pelos relatos de pais da igreja também percebemos que a Igreja primitiva, preocupava-se com o homem não apenas em seu aspecto espiritual, e também em assistência aos pobres.

Clemente descreveu a pessoa que conhece a Deus desta maneira “Por amor a outro ele se faz pobre a si mesmo, para que não passe por alto nenhum irmão que tenha necessidade. Compartilha, especialmente se crê que ele pode suportar a pobreza melhor do que seu irmão. Também considera que o sofrer de outro é

seu próprio sofrer. E se sofre algo por ter compartilhado de sua própria pobreza, não se queixa.”

Eusébio disse que quando uma doença fatal inundou o mundo inteiro no terceiro século, os primeiros cristãos eram os únicos que cuidavam dos enfermos, CUIDAVAM-NOS ainda que corressem o perigo de contagiar-se eles mesmos. Enquanto, os pagãos jogavam às ruas os enfermos membros de suas próprias famílias, para proteger-se da doença. (BERCOT, 2013, p.15).

3.2 - Proclamar a Graça

O apóstolo Paulo chama atenção para o risco de se crer em outro evangelho, um evangelho diferente daquele que ele havia aprendido e ensinado, e instruiu que deviam desprezar o ensinamento que fosse diferente daquele que por ele fora transmitido.

Maravilho-me de que tão depressa passásseis daquele que vos chamou à graça de Cristo para outro evangelho; O qual não é outro, mas há alguns que vos inquietam e querem transtornar o evangelho de Cristo. Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema. (Gl 1.6-8)

A Igreja hoje tem a mesma função anunciar o evangelho da Graça sem adicionar ou retirar do evangelho de Cristo, o evangelho deve ser anunciado assim como ele foi anunciado e transmitido nas escrituras. A Salvação sendo pela graça, nada além deve ser anunciado, não há pagamentos, não há cobranças, não há mais alternativa, fora da graça.

“Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie. Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas” (Ef 2.8-10).

3.3 - Proclamar o Evangelho Desinteressado

Quando Jesus envia seus discípulos para pregar nas cidades, ele lhes dá alguns conselhos e procedimentos, dentre esses um deles lhes ensina a ser altruísta e a dividir aquilo que haviam recebido gratuitamente:

Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demônios; de graça recebestes, de graça dai. (Mt 10.8).

Seria válido em nossos dias este conselho de Jesus? a proclamação do evangelho hoje em dia poderia ser feita sem interesse? Alguns poderão questionar de que vivemos numa era consumista, influenciados pelo industrialismo e o capitalismo certamente que muitos diriam que não.

Há aqueles que se utilizariam de versículos isolados e fora de contexto, afim de defender e respaldar seus interesses mercantilistas.

Os discípulos enviados por Jesus, devem seguir essas recomendações de anunciarem o evangelho sem o interesse além da proclamação genuína do mesmo.

Na revista eletrônica de ciências sociais denominada CAOS, foi publicado em seu num. 15 de março de 2010, um artigo que traz uma notícia do jornal nacional de 2003, que mostra como o produto “evangelho” tem sido lucrativo para alguns, isto que estamos falando de anos atrás:

O Jornal Nacional transmitido pela Rede Globo de Televisão, em sua edição de 23 de setembro de 2003, exibiu uma matéria intitulada “Mercado dos Produtos Religiosos Movimentam Milhões”, mostrando que o consumo religioso atualmente movimenta milhões de reais ao ano. (STORNI e ESTIMA, 2010, p.20).

Chega a ser lamentável essa constatação por veículos de comunicação em massa, pois o evangelho sendo assim exposto, alguns ficarão com a impressão que não se passa de um mero produto, quando na verdade o evangelho é boas novas para a vida. A igreja como representante do divino tem o papel de anunciar o evangelho, levar as boas novas para aqueles que não conhecem a Cristo, encontramos esse apelo nas palavras de Paulo, na carta de Romanos.

Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? e como crerão naquele de quem não ouviram? e como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? como está escrito: Quão formosos os pés dos que anunciam o evangelho de paz; dos que trazem alegres novas de boas coisas. (Rm 10.14,15)

Esta função de anunciar o evangelho a toda à criatura está explícito na grande comissão de Mateus cap. 28, e na oração sacerdotal Jesus, apontou para uma conversão futura de muitos, João 17.20. “E não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra hão de crer em mim”. Acreditamos que o período futuro de que Cristo estava se referindo abrange também nossos dias.

É uma função da Igreja anunciar o evangelho, sem a intenção de puro proselitismo e também sem a preocupação em receber ofertas em troca deste anúncio, ir e anunciar o evangelho sem o interesse financeiro.

4. A QUESTÃO ECOLÓGICA E A MISSÃO DO POVO DE DEUS

Quando voltamos nosso olhar para o princípio, encontramos lá no Genesis a missão dada ao homem. Entendemos que tal missão não ficou extinta, e que hoje a mesma missão que fora atribuída ao homem, é hoje atribuída a Igreja, ao povo de Deus, deve hoje cumprir com a missão dada ao homem.

É de se esperar que na Igreja venhamos encontrar uma comunidade de justos, justificados e praticantes da justiça e governo de Deus.

Quando no iluminismo as crenças básicas de uma morada eterna e um paraíso nos céus foram confrontadas, ficou um vácuo presente na mentalidade humana, portanto novas crenças surgiram e dominaram o espaço. O paraíso foi então transferido ainda que simbolicamente para o nosso planeta, ou seja, viveremos o máximo possível aqui e agora. Com isso ampliou-se

a exploração e a busca por crescimento financeiro e também a ampliação de negócios, isso poderia ser até denominado de progresso por alguns.

Dr. Chistopher J.H. Wright (2012, p.65), nos apresenta a ideia de uma humanidade servidora, e tendo como objeto desse serviço toda a criação. Somos segundo essa ideia apresentada servos de toda a Criação. Sendo, portanto servos, essa ideia de dominação e exploração fica descaracterizada, e pelo contrário nos coloca a disposição da criação numa atitude de servidão e cuidado.

Portanto, os humanos são colocados num ambiente criado por Deus, para servirem esse ambiente e cuidarem dele. Isso deixa claro que a finalidade principal de nosso reinado sobre a terra é o seu benefício, não o nosso. [...] Governar e servir à criação é a primeira missão da humanidade sobre a terra e Deus jamais revogou este mandato. (WRIGHT, 2012, p.65).

Então com isto, entendemos que o ser humano nunca foi colocado na terra com a intenção puramente exploratória, ao contrário nossa função é antes de tudo de preservação e de servir, estamos a disposição da criação, para cuidar e servir.

Encontramos na referência bíblica, “*O justo olha pela vida dos seus animais, mas as misericórdias dos ímpios são cruéis. (Pv 12.10)*”, a ideia de cuidado está presente e nós como comunidade dos “justificados”, devemos atentar para tal fato e assumir para nós também como missão a questão da promoção da vida de qualquer ser vivo. Devemos ser a voz daqueles que não podem falar e os defender com justiça.

O Pr. Ronan Boechat, em sua matéria para o Jornal oficial da Igreja Metodista, Expositores Cristãos, onde explica o papel da Igreja em sua missão evangelizadora, diante do que o autor chama de “evangelização ética”. Para ele a tarefa de evangelização confiada a Igreja deve conter também a intenção de promover o cuidado e o relacionamento justo com toda a criação.

Embora para nós, cristãos/ãs, a fé cristã não se reduza apenas a uma ética, entendemos que ela tem a exigência de uma ética, de um comportamento ético. Por isso a tarefa de evangelização confiada por Deus à Igreja implica também a vivência, o anúncio e um desafio de uma ética para o mundo. Esta “evangelização ética” (evangelização promotora da ética cristã) condena o mundo em suas relações opressoras e destrutivas, propondo o estabelecimento de relações de misericórdia, justiça, solidariedade e paz. De modo que, se o pecado humano envolveu toda a criação num caos e em desarmonia, a ética

cristã deve ser praticada de modo também a alcançar relacionamentos misericordiosos, justos, pacíficos e solidários com toda a criação, restabelecendo a harmonia, a amizade e a cooperação. Isso provoca mudança de valores, mudança na cultura. (BOECHAT, 2019, p.12).

Os textos mencionados são apenas pequenos exemplos de como na missão da igreja também pode estar inserida a questão ecológica, que não há escusas ao Cristão diante da barbárie que se comete com o meio ambiente. É, portanto missão nossa cuidar e preservar o meio em que vivemos, e respeitar o meio ambiente como seres criados pelo mesmo Deus e Pai. Ainda que se advogue em causa própria que há “privilégios” para o homem no momento da criação, em detrimento aos demais seres criados, esses “privilégios” denotam ainda mais em responsabilidades. Devemos levantar nossa voz em defesa de toda a criação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a Igreja tem seu papel no mundo, ela não existe apenas por existir, há propósitos específicos para sua existência, a Igreja como comunidade de fé e prática deve refletir e direcionar seus fiéis pelo caminho da prática de tal missão.

A Igreja, traz consigo uma representação histórica e social, sendo ela detentora de um poder e um valor enquanto instituição no mundo e deve exercer desse poder e ir ao encontro anunciando e abrindo suas portas para que sirva de abrigo a todos os peregrinos que transitam por esta estrada.

Assim que já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos, e da família de Deus; Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina; No qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor. (Ef 2.19-21).

Encerramos com uma reflexão de Almeida, sobre a Igreja, onde percebemos que é na Igreja que encontramos o terreno fecundo para o florescer de uma sociedade mais humana e fraterna. A Igreja é então um padrão para a sociedade na qual está inserida, isto denota a importância de conhecer, e este conhecimento vem junto com uma responsabilidade, a prática da missão.

Mesmo sabedores das imperfeições das comunidades locais, ainda é na Igreja que esperamos encontrar os melhores padrões de uma vida comunitária que valoriza as pessoas pelo que elas são e não pelo que elas têm. É na Igreja que vemos a importância das relações familiares, entre marido e mulher, pais e filhos. Ali é o ambiente onde as pessoas podem

encontrar a razão de sua existência além de ser inseridos num lugar que tem como objetivo a solidariedade e o apoio nas dificuldades sejam elas quais forem. (ALMEIDA, 2006, p.222).

A igreja não existe apenas para organizar eventos para seus fiéis, e ficar fechada entre quatro paredes, o chamado de Deus para a Igreja é sair dessas quatro paredes e seguir os passos de seu Senhor, na vida e na história, o campo missionário inicia-se já no estacionamento.

Pretendeu-se provocar a discussão em torno da missão da Igreja, e levantar o questionamento estamos fazendo a missão como Povo de Deus? Sabemos que a dimensão da missão da Igreja vai além do que muitas comunidades de fé têm praticado e ensinado, refletir sobre o assunto é um excelente exercício, mas que possamos transferir para nossa Prática tais reflexões.

REFERÊNCIAS

AMORESE, Rubem Martins. **Igreja e Sociedade**. O desafio de ser Crsitão no Brasil do Século XXI. Ultimato, 1998.

CASTRO, Clóvis Pinto de. **Por uma fé Cidadã: A dimensão pública da Igreja, fundamentos para uma pastoral da cidadania.** São Paulo, Sp. Edições Loyola, 2000.

BOECHAT, Ronan. **A responsabilidade ecológica da Igreja.** Expositor Cristão, Jornal oficial da Igreja Metodista. São Paulo, Sp. 2019, ano 133, nº 4.

LE ROY, Willian Roger. **Qual o rumo da Igreja: O evangelho de Cristo ou Marx?** São Paulo: Copiadora Continental, 1983.

O Pacto de Lausanne: movimento de Lausanna, artigo 5º. Suíça, 1974. Movimento de Lausanna, acessado em 21/06/2015. Disponível em:

<<http://www.lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/pacto-de-lausanne-ptbr/pacto-de-lausanne>>

MARIANO, Ricardo. **Neo-Pentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil.** São Paulo, SP: Edições Loyola, 1999.

PADILHA, C. René. **O que é Missão Integral?.** Viçosa MG: Ultimato, 1ª edição 2009.

PADILHA, C. René; COUTO, Péricles. **A Igreja Agente de Transformação.** Curitiba, PR: Missão Aliança, 2011.

SHELDON, Charles M. **Em seus passos o que faria Jesus.** Semeadores da Palavra, 1998. Ebook. ISBN 85-243-0020-5. Disponível em:
<<http://semeadoresdapalavra.queroumforum.com>>

SOUSA, Ricardo Barbosa de. Crescimento das Igreja, três armadilhas. Os riscos dessa expansão são invisíveis, mas muito grandes. *Cristianismo Hoje*, 2013.

Acessado em: 22/06/2015. Disponível em:

<<http://www.cristianismo hoje.com.br/artigos/lideranca/a-preocupacao-com-ocrescimento-e-legitima-e-necessaria-mas-os-riscos-dessa-expansao-sao-muitograndes>>

WARREN, Rick. **Uma vida com propósitos**: Você não está aqui por acaso. São Paulo, SP: Vida, 2002.

WRIGHT, Christopher J.H., **A missão do povo de Deus**: Uma teologia Bíblica da missão da Igreja. São Paulo, SP: Vida Nova, 2012.